

SANTO ANTÔNIO

Munir Klamt
Laura Cattani

Resumo: Este ensaio visual parte de memórias vinculadas à residência na casa situada no número 600 da Rua Santo Antônio, em Porto Alegre, e à posterior descoberta de que o local havia sido um centro de detenção clandestino durante o período da ditadura civil-militar no Brasil. Por meio de uma série de desenhos sobre papel preto, busca-se recompor parte da arquitetura daquele espaço, ao mesmo tempo em que se evocam elementos subterrâneos e perturbadores – tanto reais (desde as peças onde ocorriam torturas até as escavações para construir uma piscina, feitas pelos atuais proprietários) quanto imaginados (porões soterrados, passagens subterrâneas e estranhos elementos amorfos que assombram a casa).

Palavras-chave: Desenho. Ditadura. Repressão. Memória. Apagamento.

SAINT ANTHONY

Abstract: This visual essay is based on memories linked to the residence in the house located at number 600, Saint Anthony Street, in Porto Alegre, and the subsequent discovery that the place had been a clandestine detention center during the period of the civil-military dictatorship in Brazil. Through a series of drawings on black paper, an attempt is made to recompose part of the architecture of that space, at the same time that subterranean and disturbing elements are evoked – both real (from the pieces where torture took place to the excavations to build a swimming pool, made by the current owners) and imagined (buried basements, underground passages and strange amorphous elements that haunt the house).

Keywords: Drawing. Dictatorship. Repression. Memory. Erasure.



Em 1995, fui morar na casa de número 600 da Rua Santo Antônio, em Porto Alegre. Casa grande e exótica, impregnada de puxadinhos – possuía, por exemplo, toda uma ala aos fundos, de uns 200 m², de uma construção pobre e constrangedoramente heterodoxa com as demais. No pátio, com um acesso discreto e facilitado para carros, havia uma última peça estranha, quase um porão, que parecia ter sido soterrada (o piso era recoberto por areia e a altura, em seu interior, não passava de 1m70) cerrada por um sólido portão. Meus pais, dados a certas artes e crenças, relatavam com frequência a presença (e mesmo eventuais comunicações) de moradores atípicos, os ditos fantasmas. Eram lamentações, tristezas e encarceramentos indefinidos e indelévels.

Uma vez, um amigo me contou sobre seu tio militar que havia sido destinado, em sua juventude (em torno dos 18 anos) a um tipo de ofício clandestino que não era incomum – e que, sabemos, antecede e ultrapassa o segmento temporal da ditadura civil-militar brasileira – de operações ilegais, raptos, todo o pacote de gerenciamento do Terror. No então porão da Rua Santo Antônio número 600, por meio daquele acesso soterrado, estava o caminho que conduzia a este subsolo do estado. Naquele dia, entendi que eu morava no antigo Dopinha. Nunca contei para meus pais (e eles, também, nunca descobriram), e nos mudamos pouco tempo depois.

Meu amigo comentou que, no decorrer dos anos, um temor crônico da Justiça passou a obcecar seu tio (talvez por desconhecer que a justiça não é mais que uma retórica) e no ano de 2020 ele foi diagnosticado com Alzheimer que, como uma metáfora, faz com



que tudo escoe lenta e nebulosamente para o limbo. Esse amigo, que chegou a frequentar a casa, comenta que não há um momento em que aquele lugar não o assombre.

Com frequência, quase involuntariamente, penso na arquitetura daquele lugar, nos cômodos (palavra estranha, neste contexto) agora soterrados.

PÓS ESCRITO

Este texto foi escrito, originalmente, no âmbito do projeto Arquipélago (https://www.instagram.com/arquipelago_2020/) realizado ao longo de 2020 em decorrência do período pandêmico, tendo como base apenas minhas memórias da época. A convicção da existência de um subsolo aterrado, um porão profundo e claustrofóbico, desencontra-se das pesquisas realizadas à posteriori. O Dopinha foi, conforme placa instalada em frente pelo projeto Marcas da Memória, o primeiro centro clandestino de detenção do Cone Sul, possuindo “estrutura paramilitar para sequestro, interrogatório, tortura e extermínio de pessoas ordenados pelo regime militar de 1964”. A detenção se dava em peças isoladas do primeiro andar (com acesso pelo túnel da garagem e pelo estacionamento) e nas peças dos fundos do segundo andar. Os desenhos, no entanto, evocam a imagem deste subsolo, não mais como uma especulação arquitetônica, mas um símbolo daquele lugar, onde ainda escoramos nossa realidade.

O apagamento do Dopinha tem sido um embate contínuo, como exemplifica a exótica piscina que aparece nos desenhos em meio ao lodo: uma instalação recente que se refere a todo um processo de descaracterização de sua história a que a casa tem



sido sujeita (assim como o “aconchegante” oferecimento para locação, via *Airbnb*) que antagoniza com a batalha, adiada há quase uma década, para tornar o lugar um espaço de reflexão sobre os meios da Ditadura, o Centro de Memória Ico Lisboa. Enquanto isso, a casa da Santo Antônio, 600, continua no limbo.

Referências

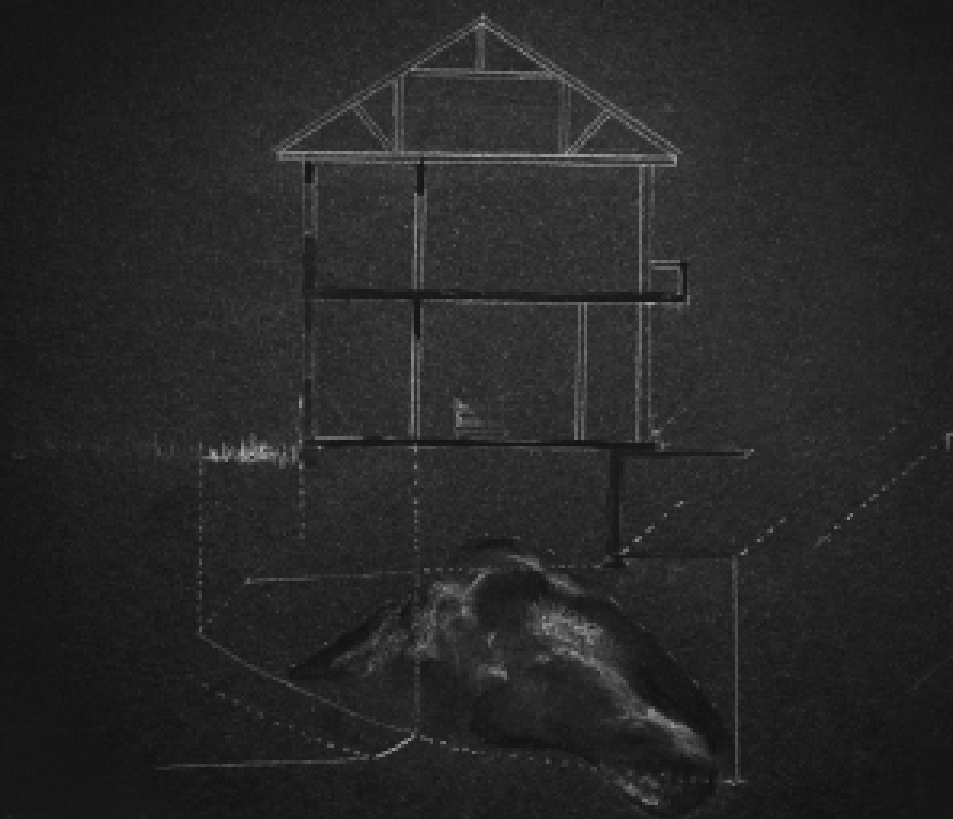
BELLE, Matheus Fuscaldo. *Memória em conflito*: Dilemas da arqueologia da repressão em Porto Alegre/RS. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CUSTÓDIO, Jacqueline. *Dopinho, entre evocar e apagar*: as disputas de memória relativas ao DOPS/RS. 2021. Orientadora: Professora Dr^a. Letícia Julião. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236147>

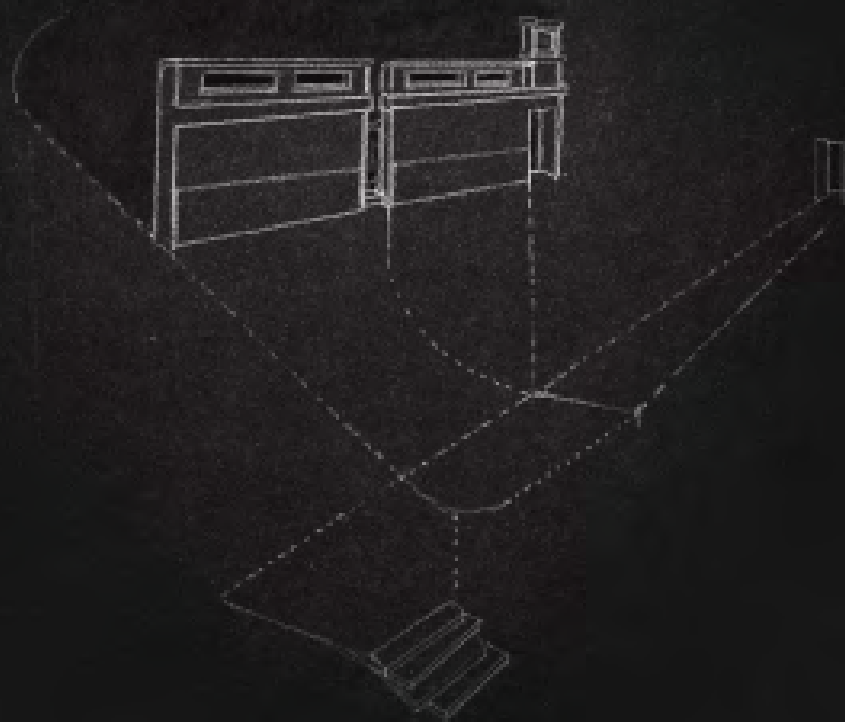
ROMAGNA, Duda. *Imóvel que abrigou o Dopinha é anunciado em site de aluguel*: ‘Linda casa de época moderna’. Sul21, Porto Alegre, 2 de agosto de 2022. Geral. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2022/08/imovel-que-abrigou-o-dopinha-e-anunciado-em-site-de-aluguel-linda-casa-de-epoca-moderna/>

ROMAGNA, Duda. *Caso Dopinha*: como burocracia e ideologia dificultam preservação da memória. Sul21, Porto Alegre, 28 de agosto de 2022. Geral. Disponível em: <https://sul21.com.br/geral-1/2022/08/caso-dopinha-como-burocracia-e-ideologia-dificultam-preservacao-da-memoria/>

















Munir Klamt (Porto Alegre, 1970) é artista, curador e pesquisador, Doutor em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Sua tese recebeu Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese 2017. Realizou Pós-Doutorado na UnB. É professor do Instituto de Artes da UFRGS na área de Arte e Tecnologia. Compõe o comitê curatorial do MARGS. É coordenador da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e curador adjunto da 13ª Bienal do Mercosul.

Laura Cattani (Les Lilas, 1980) é artista, curadora e pesquisadora, Doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS com doutorado-sanduíche na UPJV (França), indicada ao Prêmio Capes de Tese 2018, e pós-doutorado no PPGAV/Unb. É professora substituta no Centro de Artes da UFPel, onde coordena ações de extensão da Galeria A Sala. Idealizadora do Instituto Cultural Torus e curadora adjunta da 13ª Bienal do Mercosul.

Ambos atuam sob o pseudônimo Ío enquanto artistas e curadores, tendo realizado exposições em diversas cidades do Brasil, bem como Uruguai, Argentina e França. Sua produção foi premiada com o Prêmio Especial do Júri no IX Prêmio Açorianos de Artes Plásticas; Melhor Exposição no 2º Prêmio IEAVI; Prêmio Destaque em Mídias Tecnológicas do III Prêmio Açorianos de Artes Plásticas; Menção Honrosa nos 1º e 4º Prêmios IEAVI, e foi indicada ao Prêmio Pipa em 2018. Sua obra está em coleções particulares e compõe o acervo de instituições como o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Fundação Vera Chaves Barcellos, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (RS), Coleção Casa Niemeyer (DF), Museu de Arte do Rio de Janeiro (RJ) e Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (PE).

